

**NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2003.***

**O CINEMA NO CENÁRIO EDUCACIONAL**

***Cláudia Neli B. Abuchaim de Oliveira\****

\*Mestranda em Educação pela UNINOVE e Professora de Língua Portuguesa do Curso e Colégio Objetivo.

No início do século XX, o cinema tinha como primeira proposta a diversão e o entretenimento. Passada mais de uma centúria de sua invenção, hoje ele é uma tecnologia, uma indústria, um negócio (dos mais rentáveis) e uma arte. Desde sua primeira exibição, em 1895, em Paris, o cinema ocupa, cada vez mais, um papel cultural e educativo na sociedade. Muitos educadores, ao longo da história, procuraram inserir recursos audiovisuais na escola, obtendo particular êxito no que se convencionou chamar de ‘motivação para as aulas’.

Atualmente, o pesquisador de cinema encontra, à disposição, uma vasta bibliografia a respeito da sétima arte da mesma forma, quando se volta para o campo da Educação, a disponibilidade de material de consulta é tão grande que se faz necessário delimitar a temática com precisão, para selecionar, na imensidão das obras publicadas, as que dizem respeito diretamente ao objeto de estudo em pauta. O mesmo já não acontece quando se quer buscar fontes que estabeleçam a relação entre os dois temas, ou seja, o material bibliográfico torna-se muito escasso, quando, por exemplo, o professor procura fazer a ligação entre cinema e educação.

Por isso, o livro de Marcos Napolitano, publicado pela Contexto como parte da coletânea “Como Usar na Sala de Aula”, apresenta particular interesse, exatamente por vir a enriquecer o acervo de títulos voltados para os nexos entre o cinema e o processo educacional. O autor é Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo e professor do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná. Sua obra fornece dados importantes para o professor menos familiarizado com a pesquisa acadêmica e, embora utilize linguagem simples e direta, não banaliza os temas que focaliza. Conta, em síntese, a história do cinema, indica leituras complementares sobre a sétima arte e aborda, criticamente, experiências levadas a efeito por outros professores no que se refere

à utilização de filmes em sala de aula. Seu objetivo é “discutir não apenas com o professor interessado em iniciar-se no uso do cinema na sala de aula, mas também com aquele que deseja incrementar sua didática, incorporando filmes como algo mais do que ‘ilustração de aulas e conteúdos’” (p.7).

O livro está estruturado em duas partes, sendo a primeira em três capítulos, nos quais o autor discute as relações entre cinema, escola, linguagem e história do cinema, além de apontar ao docente alguns procedimentos e estratégias para a inserção do filme na sala de aula, demonstrando como é possível aproveitá-lo em todas as disciplinas que fazem parte dos currículos do ensino fundamental e médio. Nessa linha de raciocínio, afirma que “a peculiaridade do cinema é que ele, além de fazer parte do complexo da comunicação e da cultura de massa, também faz parte da indústria do lazer e (não nos esqueçamos) constitui ainda obra de arte coletiva e tecnicamente sofisticada” (p.14).

O autor traça uma trajetória estratégico-tática para ajudar o professor que não é pesquisador nem especialista a habituar-se a algumas técnicas e procedimentos que constituirão todo um ritual, para que o cinema possa compor, com sucesso, os componentes curriculares – currículo aqui entendido em seu sentido amplo. Entre outras orientações, analisa o planejamento das atividades e procedimentos básicos: a seleção de filmes, as atividades baseadas no conteúdo fílmico por disciplina e as que contêm temas transversais ou específicos e podem ser exploradas em termos de linguagem cinematográfica.

Voltada inteiramente para atividades práticas, a segunda parte do livro contém informações sobre mais de cem filmes, que são comentados pelo autor e ainda incluem várias sugestões de metodologias sob a forma de questões, debates, pesquisas e projetos práticos a serem desenvolvidos em sala de aula.

A seleção dos filmes e os tipos de atividade foram pautados nos resultados das experiências de mais de seis anos do autor – período em que desenvolveu cinco cursos e minicursos com professores das escolas particulares e públicas do Paraná e de São Paulo. A respeito da escolha dos filmes, o autor afirma: “Preferimos discutir o cinema ficcional, cujo conteúdo e cuja utilização em sala de aula têm sido menos discutidos do ponto de vista didático-pedagógico” (p.30).

Na parte final do livro, o leitor encontrará bibliografia específica bem organizada e um pequeno glossário de termos cinematográficos, além de dois anexos, com fichas técnicas resumidas dos filmes citados nas atividades propostas, e alguns endereços e informações que podem nortear o professor em suas iniciativas de dar continuidade a essa ação.

Sobre os problemas e as possibilidades do cinema na escola, concordamos com o autor quando ele diz que: “Trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte” (p.11). Não podemos esquecer, no entanto, que levar o cinema para a escola não é tarefa fácil. A atividade escolar com o cinema deve ir além da experiência cotidiana: assistir um filme na escola não pode ser como fazê-lo em casa ou no cinema. O professor desempenhará papel fundamental nesta atividade, posicionando-se como o mediador que proporá leituras mais ambiciosas, incentivando o educando a se tornar um espectador mais exigente e crítico. Napolitano aborda algumas dificuldades que o docente terá, na condição de mediador, ao incorporar o cinema na escola, e ainda sugere diretrizes, estratégias e instrumentos para sua superação.

Há, entretanto, uma lacuna na obra: diz respeito à preparação que o professor deverá fazer antes da exibição do filme em sala de aula, relativamente ao estudo do vocabulário utilizado nos diálogos diegéticos.<sup>1</sup> Consideramos de extrema importância a preparação de um vocabulário prévio para que o aluno possa compreender, literalmente, a linguagem que emerge da trama. O não-entendimento do universo sintático-semântico do discurso literário incorporado ao filme e de sua articulação com os demais elementos da linguagem cinematográfica (planos, movimentos de câmera, ângulos de filmagem etc.) levará o aluno à desmotivação, transformando, assim, uma atividade que deveria ser, a princípio, entretenimento e lazer, em momentos enfadonhos e desinteressantes, o que inviabilizaria a aprendizagem desejada.

Como se trata de um livro destinado aos professores das mais diversas áreas, ao abranger todas as disciplinas, Napolitano não aprofundou as questões específicas do uso do cinema na escola em cada um dos componentes da grade

<sup>1</sup>Quando se fala em ‘realidade diegética’ quer-se dizer a realidade ficcional – composta de pessoas e suas trajetórias, dramas, tramas de vida, discursos etc. – proposta no universo criado pela linguagem cinematográfica. Da mesma forma, o universo romanesco é engendrado pela linguagem literária, criando uma ‘realidade’ cujos valores buscados pelo herói se legitimam nesse universo, mesmo que contrariem os valores da sociedade em que vive o leitor. Este, muitas vezes envolvido na atmosfera do universo ficcional, chega a torcer por personagens que contrariam o sentido ético de sua vida cotidiana.

curricular, mas abriu perspectivas para sugestivas investigações complementares. Quando o autor relaciona algumas questões que têm sido levantadas sobre o uso do cinema em disciplinas e áreas específicas, percebe-se que elas derivam de parâmetros superficiais. Este enfoque do autor constitui um ponto de partida, uma provocação para a pesquisa de uma metodologia mais aprofundada sobre as relações entre cinema e educação. Acrescente-se que as leituras complementares enriquecem a obra, pois trazem abordagens metodológicas de vários pesquisadores a respeito de educação e cinema.

Um outro ponto que poderia ser mais bem resolvido na obra está nas sinopses dos filmes sugeridos: são muito sucintas, sonegando, às vezes, aspectos relevantes para a análise e contextualização da obra fílmica. Por isso, o professor, se tomar as sugestões do autor como parâmetro de escolha dos filmes, deverá assisti-los antes de utilizá-los em sala de aula.

As críticas aqui expostas não desabonam o livro, que é um importante material de estudo para professores desejosos de iniciar projeto de utilização do cinema na escola. Lendo este livro e seguindo as orientações dadas pelo autor, o professor iniciante no uso deste instrumento pedagógico, conseguirá preparar e pôr em prática essa atividade.